



ALGORÍTIMOS E A BARBÁRIE NEOLIBERAL NA CAPTURA DA POPULAÇÃO INFANTOJUVENIL PELAS REDES SOCIAIS

A exploração do tempo livre de crianças e adolescentes pelos avanços tecnológicos:
uma abordagem iconográfica

Luciano Domingues Bueno

RESUMO:

Desenvolve-se uma abordagem iconográfica de relações entre tecnologia, capitalismo e a captura do tempo livre de crianças e adolescentes, mediada por expressões da questão social consolidadas pelo neoliberalismo. Conclui-se que as redes sociais recuperam modos ampliados de exploração de crianças e adolescentes pelo capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: infantojuvenil; redes sociais; neoliberalismo

ABSTRACT

An iconographic approach is developed to the relationships between technology, capitalism and the capture of children and adolescents' free time, mediated by expressions of the social issue consolidated by neoliberalism. It is concluded that social networks recover expanded modes of exploitation of children and adolescents by capitalism.

KEYWORDS: childhood and adolescence; social media; neoliberalism

Introdução

“Na sociedade capitalista, produz-se tempo livre para uma classe transformando todo o tempo de vida das massas em tempo de trabalho.”
(Marx, 2013, p.733)

A encruzilhada estabelecida pela virtualização, precarização e controle do trabalho (Pinheiro; Souza, 2023) revela a barbárie capitalista em consonância com níveis de exploração humana que pareciam superados (Antunes et al., 2023). Despertando o presente interesse por expressões anteriores da captura infantojuvenil



pelos avanços da maquinaria (Marx, 2013) e como essa população é, na contemporaneidade, expropriada de seu tempo livre por transformações societárias promovidas pelas redes sociais. Coordenadas que desafiam intervenções que visam assegurar direitos frente às expressões da questão social impulsionadas pelos arranjos tecnológicos alinhados às agendas neoliberais.

Enquanto, majoritariamente, esforços teórico-metodológicos são direcionados às plataformas capsuladas no termo uberização, interessa-se aqui por tecnologias ligadas à exploração cotidiana do tempo livre promovida por *big techs*. Destacando as redes sociais e manifestações da questão social presentes em repercussões geopolítico-econômicas decorrentes da concentração de riqueza desse segmento. Na direção dessa capacidade de concentração e centralização perpetradas por grandes expropriadores à frente das *big techs*, Netto indica que

Menos estudadas — por motivos facilmente conhecidos — são as classes e franjas de classes que estão no topo da pirâmide da estratificação: os grandes capitalistas e o grande patronato, seus estrategistas e executivos transnacionais, seus grandes intelectuais. De qualquer modo, é legítimo afirmar que, independentemente de modificações e diferenciações internas (com novos conflitos e novas vias de ingresso em seus — que o “caso Bill Gates” é exemplar), os portadores do grande capital veem estruturando uma oligarquia financeira global, concentradora de um enorme poderio econômico e político. De fato, trata-se de um microscópico universo pessoal, que controla o conjunto das riquezas sociais e exerce uma determinante ação planetária que inclusive ladeia as instâncias democrático-formais consagradas no Estado de — controle e ação que, como o demonstra a experiência dos últimos anos, têm introduzido na cena pública um componente corruptor outrora impensável (Netto, 2013, p. 15-16).

Análise que aponta para uma direção (de Bill Gates), que, na atualidade, apresenta novas caras dessa concentração ampliada de riqueza e de poder das *big techs*: por exemplo, Elon Musk, Mark Zuckerberg e Jeff Bezos. Esses três expoentes das redes sociais e a plataformização da economia, estão entre as maiores fortunas do mundo — Elon Musk - US\$ 421,2 bilhões, Jeff Bezos -US\$ 233,5 bilhões, Mark Zuckerberg - US\$ 202,5 bilhões. Totalizam um patrimônio de 857, 2 bilhões de dólares e o controle redes sociais com bilhões de usuários (Instagram, Facebook, Whatsapp e X/ antigo Twitter) — lembrando que a maior fortuna de um brasileiro (US\$ 28,3 bilhões), em 2024, pertence a Eduardo Saverin (42 anos), um dos sócios fundadores do Facebook¹.

¹ Fonte: <https://forbes.com.br/listas/2024/08/lista-de-bilionarios-da-forbes-tem-brasileiro-mais-rico-da-historia-veja-top-10-de-2024/>



Em pesquisa do Laboratório de Economia Digital e Política Extrema (*DeepLab*), com um milhão de perfis em redes sociais, apreende-se que essas plataformas têm alterado economicamente toda a estrutura societária (Pinheiro-Machado et al. (2024). Evidenciando a importância da análise sobre como a população infantojuvenil é inserida nessa dimensão de profundas transformações econômico-políticas e retorno de processos de exploração que pareciam superados. Por exemplo, o retorno da publicidade infantil, *fake news* e a consolidação de uma sociabilidade consumidora². Compreendendo que é nessa relação de tantos (bilhões de usuários) explorados por essas verdadeiras esteiras algorítmicas, em que tão poucos concentram os maiores patrimônios na contemporaneidade³.

Acresce-se o fato da população brasileira ser uma das que mais passa o tempo nas redes sociais, sinalizando a problemática dessa exposição ampliada para crianças e adolescentes (Opinion Box/Panorama Mobile Time, 2024) e repercussões em expressões da questão social: **implicações para sistema educacional** — refletida na proibição de celulares em escolas e políticas públicas de mitigação dos impactos dos mesmos na população infantojuvenil (Brasil, 2025); a **proliferação de discursos negacionistas e de ódio**, que concorrem com a proteção da população (como na vacinação); e **demandas de saúde mental** tomadas como uma epidemia de diagnósticos (Whitaker, 2017) que repercutem na patologização de medicalização da experiência infantojuvenil (Sanches; Amarante, 2014). O que infere a relevância das discussões críticas da determinação social da infância e juventude na sociabilidade burguesa.

² Práticas vedadas pelo Código de Defesa do Consumidor (CDC) e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) desde a década de 1990, como a publicidade infantil, encontram nas redes sociais condições de avançar sobre direitos da população infantojuvenil. Direitos esses conquistados como forma de proteção da exploração de infâncias e juventudes pela publicidade e propaganda.

³ Ainda sobre essa dinâmica sociocultural atravessada por um ethos consumidor, está: “parametrada por dois vetores, de natureza econômico-política e técnica: a translação lógica do capital para todos os processos do espaço cultural (criação/produção, divulgação, fruição/consumo) e o desenvolvimento de formas culturais socializáveis pelos meios eletrônicos (a televisão, o vídeo, a multimídia). Essa cultura incorpora as características próprias da mercadoria no tardo-capitalismo: sua obsolescência programada, sua fungibilidade, sua imediatividade reificante. Embora à sociedade burguesa contemporânea não caiba legitimamente, como vimos, a identificação como uma ‘sociedade de consumo’, a cultura que nela hoje se afirma é uma cultura de consumo ela cria a ‘sensibilidade consumidora’ que se abre à devoração indiscriminada e equalizadora de bens materiais e ideais — e, nela, a própria distinção entre realidade e representações é esfumada: promove-se uma semiologização do real, em que os significantes se autonomizam em face dos referentes materiais e, no limite, se entificam” (Paulo Netto, 2013, p. 25).



Fundamentando-se no materialismo histórico e dialético, os objetivos são: 1) analisar a compreensão social de infância e juventude na sociabilidade burguesa; 2) e refletir sobre o passado e o presente de expressões da questão social impulsionadas por avanços tecnológicos. Para tanto, apoia-se em uma abordagem iconográfica de capturas de crianças e adolescentes pela exploração capitalista ampliada pelo desenvolvimento tecnológico.

A sociabilidade burguesa e o desenvolvimento de um “sentimento de infância”

A apreensão social da infância, distinta da adultez, desenvolve-se na modernidade, alavancada pela sociabilidade burguesa (Ariès, 2015; Hermida, 2021). Para Neil Postman (1999), é determinada pelo desenvolvimento técnico de uma atividade cultural e comercial tipicamente burguesa: a tipografia, que exponencia o alcance do conhecimento escrito, operando uma dupla distinção: 1) da infância como uma etapa do desenvolvimento humano, que precisa de uma condução social na aquisição de faculdades pertencentes ao adulto —; 2) classificando, assim, o que seria o mundo dos adultos e o mundo das crianças (Postman, 1999).

A emergência de um “sentimento social da infância” (Ariès, 2015)⁴, como ser social distinto do adulto, ocorre no par dialético afirmação-negação. Isso porque expressões infantojuvenis são afirmadas em uma, simultânea, negação de vivências pertencentes às populações subalternizadas (Hermida, 2021). Ou seja, há um “descobrimento” da infância pela burguesia que ocorre no encobrimento de manifestações da mesma.

Ariès (2015) apresenta uma inexistência de distinção social entre infância, adolescência e adultez em momentos que antecederam a revolução burguesa — as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. A seguir, quadro que expressa esse apagamento de coordenadas da infância, que hoje parecem tão óbvias:

Figura 1 Detalhe del quadro Madonna di San Giorgio alla Costa (1295), de Giotto di Bondone (1267–1337)

⁴ Os estudos desenvolvidos por Ariès foram inovadores e inauguraram uma nova perspectiva para as pesquisas sociais e históricas, que tiveram como objeto principal de estudo a criança, a infância, a família e a juventude. Utilizando monumentos, túmulos, registros de batismo, diários de família e principalmente imagens iconográficas (religiosas e leigas) como fonte de pesquisa, o historiador e sociólogo francês teve o grande mérito de transformar a criança e suas famílias em objetos de investigação historiográfica (Hermida, 2021, p. 22).



Fonte: <https://www.firenzeyesplease.com/en/post/un-capolavoro-di-giotto>

O modo como a feição da criança é retratada repete-se em obras estudadas por Ariès, que conduz à compreensão de que “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância neste mundo” (Ariès, 2015, p.17–18). Contudo,

O conceito que emana da obra de Ariès (2015) não se referenciou nas crianças comuns, pobres e com limitações culturais. Mesmo assim, é possível identificar a emergência de um novo sentimento, o sentimento de infância, até então inexistente na vida social. Ela serviria como contraponto para a perspectiva da história social da criança proletária (Hermida, 2021, p.31).

Ou seja, na emergência do entendimento da infância pela burguesia, há uma subalternização da infância e da juventude de classes exploradas. Hermida (2020), ao investigar na obra de Engels as condições das crianças proletárias, afirma que

A questão social é um elemento essencial para definir nosso objeto de estudo. Ela castigou a classe trabalhadora desde suas origens e foi mais perversa com aqueles que constituíam o elo mais débil do sistema: os filhos da classe trabalhadora. Este assunto também foi sublinhado e pesquisado pelo seu amigo, Karl Marx. Nos seus estudos, Marx chamou esse desdobramento que atingia a vida dos mais pequenos de “herança maldita”. Em O capital (volume I), ele já nos alertava disso. Se a condição laboral dos homens era extremamente difícil, imagine-se, então, o penoso e perverso que foi para as crianças. Chamada de “herança maldita” por Marx (2013), a situação dos pequenos proletários encarnava as facetas mais tenebrosas que vinham sendo desenvolvidas pela burguesia industrial e capitalista, para garantir suas melhores margens de lucro e mais-valia. A lógica assaz feroz da exploração dos adultos, homens e mulheres, era a mesma aplicada para o trabalho infantil (Hermida, 2020, p.13).

Marx (2004, p.33–35) indica que “As grandes oficinas (Ateliers) compram preferencialmente o trabalho de mulheres e crianças, porque este custa menos do que o [trabalho] dos homens. l.c.45”. Ou seja, a sociabilidade burguesa instaura condições, graças aos avanços técnicos, de apreensão da infância diferenciada da adultez — que



vai possibilitar uma atenção diferenciada às especificidades dessa etapa da vida (Ariès, 2015; Postman, 1999) — em concomitância com a captura infantojuvenil da classe proletária (Marx, 2004; 2013; Engels, 2010; Hermida, 2021).

Vale lembrar que o próprio processo de acumulação de riqueza e poder que subsidiou a ascensão burguesa e transformações societárias decorrentes da mesma — como o reconhecimento de uma infância — se fez com base em coordenadas exploratórias do capital mercantil e colonialismo (Gorender, 1978; Mazzeo, 1986). Isso permite uma apreensão do surgimento de uma ideia de infância, que se afirma na negação e barbárie sobre outras expressões de infância — a exemplo do ocorrido com povos tradicionais de regiões colonizadas e de países violentados pelo processo de escravização colonial. Basta lembrarmos que os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade não foram estendidos às colônias francesas, com efeitos diretos e indiretos em vivências infantojuvenis nesses contextos coloniais⁵.

Tais métodos, como, por exemplo, o sistema colonial, baseiam-se, em parte, na violência mais brutal. Todos eles, porém, lançaram mão do poder do Estado, da violência concentrada e organizada da sociedade, para impulsionar artificialmente o processo de transformação do modo de produção feudal em capitalista e abreviar a transição de um para o outro. A violência é a parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova (Marx, 2013, p.998).

Ou seja, o conjunto de violências que antecede e subsidia a consolidação da burguesia é diretamente determinada pela barbárie colonial e violência sobre crianças e adolescentes⁶. Com isso, esse “descobrimento” da infância (Ariès, 2015) ocorre com o “encobrimento” de outros modos de pensar, agir e sentir o desenvolvimento humano pertencentes à dimensão infantojuvenil. Emblemática dessa coexistência dialética de humanização e desumanização no interior da experiência burguesa infantojuvenil é como em

⁵ Um exemplo emblemático é como a revolução haitiana passou por reiteradas tentativas de refreamento por parte da França, por mais que abordagens reducionistas tentem derivar a revolução ocorrida no Haiti, até então colônia francesa, da revolução burguesa. Movimento similar de ascensão burguesa impulsionado pela violência e subalternização pode ser observado, posteriormente, no que ficou conhecido como *Welfare State*. Em que anos de exaltação do crescimento econômico capitalista ocorreu no processo de aprofundamento das desigualdades, especialmente se observado comparativamente as relações entre os países centrais ao capitalismo e aqueles vistos como periféricos (Netto, 2001).

⁶ Sobre manifestações desse processo, Marx (2013, p. 1999) indica que: “Sobre o sistema colonial cristão, afirma W. Howitt, um homem que faz do cristianismo uma especialidade: ‘As barbaridades e as iníquas crueldades perpetradas pelas assim chamadas raças cristãs, em todas as regiões do mundo e contra todos os povos que conseguiram subjugar, não encontram paralelo em nenhuma era da história universal e em nenhuma raça, por mais selvagem e inculta, por mais desapiedada e inescrupulosa que fosse’ [...] Os jovens sequestrados eram mantidos escondidos nas prisões secretas das ilhas Celebes até que estivessem maduros para serem enviados aos navios de escravos”.



Outro traço, perverso, que só poderia existir num contexto em que pessoas são subjugadas e inferiorizadas pela cor e, nesse caso, pela idade, é o fato de que as crianças escravizadas, sobretudo as pequenas, serviam como brinquedos e objeto de diversão da elite escravocrata oitocentista. Para as crianças brancas também havia uma consequência: o aprendizado da crueldade que é ter alguém sob sua posse. Na descrição da cena do jantar da família brasileira no Rio de Janeiro, Debret menciona o papel das crianças escravas nas famílias dos seus donos até serem destinadas ao trabalho (Jovino, 2021, p. 176).

Assim, fica evidente esse processo social de afirmação (positivação) de infâncias e juventudes na negação (subalternização) de experiências infantojuvenis fora do espectro das classes dominantes.

Figura 2: Infâncias de crianças escravizadas



Fonte: Debret (1989, p. 59).

No Rio, como em todas as outras cidades do Brasil, é costume, durante o tête-a-tête de um jantar conjugal, que o marido se ocupe silenciosamente com seus negócios e **a mulher se distraia com os negrinhos, que substituem os doguezinhos**, hoje quase completamente desaparecidos na Europa. Esses mulecotes, mimados até a idade de cinco ou seis anos, são em seguida entregues à tirania dos outros escravos, que os domam a chicotadas e os habituam, assim, a compartilhar com eles das fadigas e dissabores do trabalho. Essas pobres crianças, revoltadas por não mais receberem das mãos carinhosas de suas donas manjares suculentos e doces, procuram compensar a falta roubando as frutas do jardim ou disputando aos animais domésticos os restos de comida que sua gulodice, repentinamente contrariada, leva a saborear com verdadeira sofreguidão. (Debret, 1989, p. 60, **grifo nosso**).



Com semelhante violência, crianças de povos tradicionais foram capturadas com objetivos comerciais, por exemplo, servir de estratégia de ocupação de terras por homens que tivessem obstáculos para encontrar mulheres para casar e gerar seus filhos⁷. Assim, temos manifestações de infância e adolescência que vão sendo construídas na captura de expressões da questão social. Outro exemplo, é como, após a abolição da escravidão, o projeto de branqueamento da população promoveu o ideal de afirmação de alguns recortes de infância sobre o apagamento de outras expressões infantojuvenis.

Figura 3: a afirmação de infâncias na negação de outras



Fonte: Modesto Brocos, 1895.

É possível observar na famosa pintura o ideal de branqueamento, tentando apagar (nas crianças) traços de povos tradicionais e escravizados. Contudo, como se observou durante a revolução industrial (Marx, 2013; Engels, 2010; Hermida, 2021), a sanha exploratória sobre crianças e adolescentes sempre esteve para além das estratégias racializadas de subalternização.

Revolução industrial e a captura da infância e adolescência por avanços tecnológicos

⁷ Os pequenos índios, assim obtidos, eram a seguir vendidos pelos traficantes nas povoações, por 15 a 20\$000. Sob o estímulo do escambo, os botocudos guerreavam entre si para ter crianças que pudessem vender aos brancos. Na região missioneira do Rio Grande do Sul, a população indígena continuava sendo fonte de mão de obra escrava para os estancieiros de gado. O relato é também de Saint-Hilaire: “Os roubos dos indiozinhos são abusos dos mais terríveis que praticam aqui. São levados como escravos e se inutilizam para o povoamento do solo, visto como longe de suas terras não encontram mulheres com quem possam casar” (Gorender, 1978, p. 521).



A revolução industrial revelou outra face desumanizadora do capitalismo na relação com avanços tecnológicos, destacadamente sobre crianças e adolescentes. Uma tendência própria do metabolismo capitalista (Marx, 2013) que se valeu de inovações tecnológicas para recaptura de circuitos de exploração que pareciam superados. Sobre como a barbárie, durante a revolução industrial, viabilizou a exploração de crianças para baratear seus custos:

Enquanto as crianças da nobreza e da aristocracia deambulavam pelos corredores de palácios, jardins, castelos e casarões, a ampla e esmagadora maioria das crianças, filhos de camponeses e principalmente da classe operária, vivenciava as consequências perversas da revolução industrial, pois elas também passaram a ser exploradas pela burguesia capitalista no sistema fabril, nas olarias, nas minas de carvão e em outros trabalhos urbanos, como, por exemplo, de varredor de chaminés na cidade de Londres (Engels 2010, p. 119).

O aumento da demanda por esse trabalho (que no início era realizado por homens), fez das crianças pequenos objetos de desejo, principalmente quando eram crianças pobres. Como se tratava de um trabalho sujo, exigente, perigoso, era difícil que uma criança aceitasse por livre e espontânea vontade fazê-lo. A solução encontrada pelos adultos para conseguir os pequenos ajudantes para fazer as varreduras de chaminés foi comprar as crianças dos próprios pais, ou ainda, tomar posse deles nos orfanatos pela força, sequestrando-os.

Crítico ferrenho da situação desumana de exploração que as crianças proletárias vivenciavam desde sua tenra idade, Marx (2013) afirmou que “A demanda por trabalho infantil se assemelha com frequência, também em sua forma, à demanda por escravos negros, como se costumava ler em anúncios de jornais americanos” (p. 469–470) (Hermida, 2021, p. 33-35).

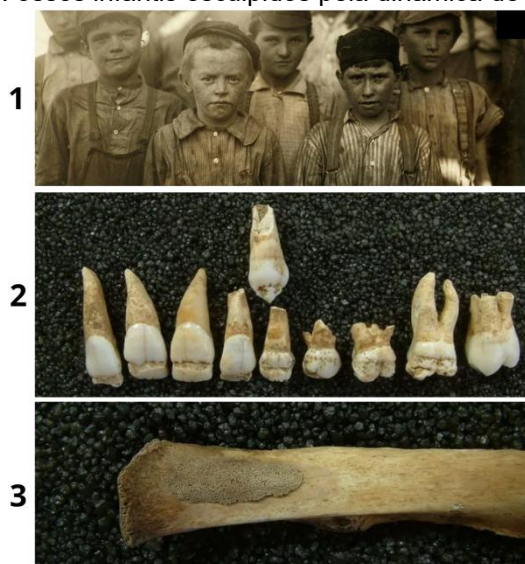
Esse paralelo entre o trabalho infantojuvenil e o trabalho escravo aponta uma tendência convergente, de tentativas de retorno a configurações desumanas de dominação pela exploração do trabalho. E como o encontro dessa tendência bárbara com o novo — continente ou tecnologia —, só reativa essa condição pertencente a uma “pulsão” originária do processo de acumulação capitalista (Marx, 2013). Esse regresso de expressões desumanizadoras — como na revolução industrial e seus efeitos sobre criança e adolescentes (Engels, 2010; Marx, 2013) —, quando associados aos avanços técnicos, indicam como, na contemporaneidade, as plataformas digitais resgatam “protoformas”⁸ de exploração ampliada, que pareciam superadas.

⁸ “tese — capitalismo de plataforma e protoforma do capitalismo — indica que as grandes empresas, impulsionadas pelo universo informacional digital, vêm recuperando e recriando formas pretéritas de trabalho, que tiveram vigência na protoforma do capitalismo, isto é, nos inícios da Revolução Industrial, quando as jornadas de trabalho eram demasiadamente prolongadas e os níveis de exploração bastante intensificados, o que os séculos seguintes, dadas as expressivas lutas operárias, se encarregaram, em grande medida, de eliminar ou minimizar” (Antunes et al., 2023, p. 19).



Estudos de restos mortais de crianças e adolescentes expostos aos avanços tecnológicos na revolução industrial indiciam que “os ossos dos menores estavam deformados, eram curtos em comparação com outras crianças da mesma época e mostravam sinais de doenças respiratórias” (Martins, 2023, s.p.). Algumas dessas marcas são visíveis na síntese imagética seguinte:

Figura 4: ossos infantis esculpidos pela dinâmica de exploração capitalista



Fontes: (1) Mega.ibxk⁹; (2; 3) Universidade de Durham¹⁰

O que temos (acima) são os achados de Gowland e colaboradores (2023): na imagem 2 os danos nos dentes indicam sinais de desnutrição severa e na imagem 3 a anomalia em uma costela é associada a rotina de trabalho desumana empregada às crianças e adolescentes¹¹ — registros de expressões da questão social impressos nos ossos infantojuvenis estudados. Hermida (2020, p.17) investigando o apagamento de infâncias e juventudes proletárias em estudos acerca da formação sócio-histórica das vivências infantojuvenis, resgata que

Com a descoberta das conveniências do trabalho infantil, a burguesia assume de vez a sua natureza perversa, que beira em muitos casos a ironia. Sem darem a devida importância às negativas consequências que o trabalho trazia

⁹ Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2022/08/23/23135954337235.jpg>

¹⁰ Em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72xw90n9lwo>

¹¹ O estudo foi possibilitado pela descoberta de mais de 150 esqueletos na pequena cidade de Fewston, no condado de North Yorkshire (norte da Inglaterra). Os restos foram encontrados durante a escavação de um terreno para construir um centro histórico ao lado de uma antiga igreja. Durante o exame dos esqueletos, os cientistas puderam constatar que a maioria era de crianças e adolescentes e que eles tinham sinais de diversas doenças. E, trabalhando em conjunto com historiadores, os pesquisadores conseguiram montar o quebra-cabeça do inferno que as crianças aprendizes viviam todos os dias. Mas a descoberta não fala apenas do passado. Os autores do estudo destacam que existe uma mensagem urgente para o presente, já que se estima que existam atualmente 160 milhões de menores trabalhadores em todo o mundo (Martins, 2023 s.p.).



para o desenvolvimento físico e intelectual das crianças, era comum ouvir o seguinte argumento: “Se não empregássemos as crianças nas fábricas, elas estariam em condições de vida desfavoráveis ao seu desenvolvimento”. Engels considerava essa afirmação verdadeira. Ele também nos lembra, no entanto, de que “[...] no fundo, essa argumentação significa simplesmente que a burguesia, primeiro, coloca os filhos dos operários numa situação insustentável e, depois, explora essa situação em seu proveito.”

[...] A avidez dos capitalistas procurava tirar o máximo proveito do capital investido nas máquinas e edifícios. Como os turnos passaram a ser de doze horas, aqueles trabalhadores e crianças que eram agraciados com o turno noturno começaram a manifestar problemas, tais como a superexcitação nervosa, esgotamento, enfraquecimento, além de outros hábitos associados com a noite, como, por exemplo, o aumento do alcoolismo e o desregramento sexual: “[...] uma indústria declarou [...] que, durante os dois anos em que sua fábrica funcionou dia e noite, dobrou o número de nascimentos de filhos ilegítimos e que a corrupção se generalizou a tal ponto que ele acabou por renunciar ao trabalho noturno” (Engels, 2010, p. 188–189 *apud* Hermida, 2020, p. 17).

Marx (2013 p. 404) indica um trecho do *Daily Telegraph* (Londres, 1860) que reforça a barbárie capitalista impressa nos ossos de crianças descobertos por Gowland (et al., 2023).

Crianças entre 9 e 10 anos de idade são arrancadas de suas camas imundas às 2, 3, 4 horas da manhã e forçadas a trabalhar, para sua mera subsistência, até as 10, 11, 12 horas da noite, enquanto seus membros se atrofiam, seus corpos definham, suas faces desbotam e sua essência humana se enrijece inteiramente num torpor pétreo, cuja mera visão já é algo terrível (Marx, 2013, p. 404).

Comparativamente, mudanças na corporeidade humana ocasionadas pelos telefones celulares reavivam essas mediações. Pesquisas como de Shahar e Sayers (2018) têm observado mudanças ósseas — protuberância occipital externa aumentada (EEOP) — associadas ao uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e tablets. Interpreta-se semelhança com a figura anterior, em que os arranjos tecnológicos interferiram no ordenamento estranhado da corporeidade humana.

Figura 5: transformações corporais associadas às novas esteiras do capitalismo



Fonte: Shahar; Sayers, 2018.



Com mais recorrência observa-se o que vêm sendo nomeado como “pescoço tecnológico”, deformações e lesões musculoesqueléticas (como escolioses)¹². Ambas alterações podem ser tomadas como interpretações que interligam os achados recentes com os corpos de crianças que sofreram as incursões capitalistas da revolução industrial sobre sua própria anatomia (Gowland et al., 2023). Isso porque, estudos apontam que “a dependência do uso do celular apresentou relação com dores na região cervical e incapacidade nas habilidades das atividades diárias” (Benini et al., 2022, p. 103).

Figura 6: efeitos da sobrecarga da utilização de telas



Fonte: G1, 2019.

Essa relação crítico-comparativa entre coordenadas dos efeitos dos adventos tecnológicos na revolução industrial sobre os corpos da população trabalhadora (Goland et al., 2023) e atuais modificações contemporâneas (Shahar; Sayers, 2018; Benini et al., 2022) sugere como efetiva a tese de que as metamorfoses contemporâneas do capitalismo manifestam nocividade semelhante a vivenciada em momentos anteriores. Lembrando que as condições enfrentadas por crianças e adolescentes durante a revolução industrial impulsionaram os avanços legais de proteção desse público, de maneira jamais vista¹³.

¹² “Os problemas e dores na coluna associados ao uso excessivo de dispositivos móveis já são considerados uma epidemia global, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Enquanto a média mundial de dor crônica atinge 35% das pessoas, no Brasil os dados são mais preocupantes, já que esse número cresceu para 37%” (G1. 'Pescoço tecnológico': uso excessivo de celular pode causar dor na coluna, 2019, s.p.).

¹³ Mesmo que as crianças proletárias não sejam reconhecidas e não tenham espaço na caracterização da infância na obra de Ariès (2015), e tampouco nas imagens pictóricas dos artistas da época, elas foram, sim, sujeitos históricos relevantes. A negação de sua condição de criança e da não fruição de sua infância contribuíram, significativamente (por oposição), para o desenvolvimento da sociedade moderna e contemporânea, tornando-a mais humana. Prova disso é a vasta legislação trabalhista e educacional, que procuram erradicar o trabalho infantil e garantir o direito educacional das crianças pequenas nos dias de hoje (Hermida, 2021, p.38).



Seja na passagem da servidão feudal para as relações burguesas, nas práticas do colonialismo e capital mercantil, no ainda presente trabalho infantil na contemporaneidade, revela-se a sanha capitalista em avançar sobre a população infantojuvenil com a mesma avidez que se manifestou em momentos violentos da acumulação (Marx, 2013). Nesse sentido, sugere-se que possíveis avanços alcançados na proteção de crianças tratam-se de barreiras temporárias, que estarão sempre em risco frente transformações capitalistas e avanços tecnológicos, e/ou que sejam direitos que sempre foram afirmados somente a uma fração da população e negada, em sua integralidade, a totalidade das crianças e adolescentes (Hermida, 2021).

Da captura pelo trabalho à captura pelo consumo: a propaganda como instrumento de (re)captura capitalista da exploração infantojuvenil

Uma das rotas de (re)captura da infância e adolescência que, por questões legais (Aguiar; Vasconcellos, 2017), escaparam da exploração ampliada pelo trabalho será a sociabilidade consumidora. Compreendendo que essa via pavimentará a transposição dos modelos anteriores de exploração para configurações contemporâneas de expropriações do tempo livre dessa população; bem como sua conversão em indicadores passíveis de serem explorados economicamente — como o tempo em redes sociais é convertido em visualizações, curtidas, compartilhamentos e salvamentos, que 1) aprimoram a dinâmica algorítmica, otimizando os mecanismos de retenção da atenção e 2) tornando-se um aspecto comercializável entre capitalistas. Assim, mediante o imperativo do consumo (Netto, 2013), instituem-se modos de pensar, de agir e de sentir como via régia da (re)captura e expropriação ampliada do tempo livre de crianças e adolescentes. Uma recaptura pela via de um *ethos* consumidor, impulsionador da rolagem interminável das esteiras algorítmicas das redes sociais.

No documentário “Criança, a alma do negócio” (2008) altera-se o famoso jargão publicitário “propaganda, a alma do negócio”¹⁴, incluindo a criança como central na dinâmica do negócio e revelando uma estratégia de mercado na captura da infância pelo consumo. Se, como apresentado em sessões anteriores, a população

¹⁴ Frase creditada a filósofa Zoraide Franco que sugere que a propaganda como fator principal em um negócio qualquer.



infantojuvenil foi uma peça fundamental do avanço de modos de produção por vias bárbaras (Engels, 2010; Marx, 2013), a redução de crianças e adolescentes a consumidores será novo *modus operandi* para assegurar uma qualidade de exploração refreada por marcos legais de proteção da população infantojuvenil (Aguiar; Vasconcellos, 2017). Compreendendo, assim, a propaganda como recurso de edificação da sensibilidade estranhada e consumidora, e uma frente importante de análise. Isso porque é um ponto de mirada de estratégias de reprodução do fetichismo e desenvolvimento de ordenamentos que consolidam a sociabilidade capitalista, com repercussões globalizantes¹⁵.

Nas décadas que antecederam a proibição da publicidade infantil no Brasil (1990), pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e o Código de Defesa do Consumidor, a população infantojuvenil foi exposta a um processo de propaganda que reformulou nocivamente os modos de brincar, comer e consumir (Wollz; Baptista, 2022). Dispositivo que será uma importante mediação para aproximação dos desdobramentos que se efetivam na logística algorítmica das redes sociais.

Peças publicitárias direcionadas ao público infantojuvenil constituíram verdadeiro arsenal “pavloviano”, que condicionou crianças e adolescentes — muitos desses conteúdos eram intercalados estrategicamente a elementos lúdicos, como desenhos animados. Semelhante aos experimentos pavlovianos que a associação entre estímulo sonoro (sineta) e o alimento produziam respostas fisiológicas em cães, as crianças e adolescentes foram massacrados por condicionamento associando, por exemplo, desenhos animados e produtos desenvolvidos para esse público. A internet guarda referências dessas propagandas¹⁶, que explicitam a barbárie de mecanismos de captura de infâncias e adolescência pelo consumo¹⁷.

Elege-se um recorte no campo da publicidade: as propagandas de cigarro e suas reverberações sobre a população infantojuvenil. Escolha feita com base em paralelos possíveis entre políticas públicas regulatórias da indústria do tabaco e a

¹⁵ “A globalização do capital globaliza também a questão social, atingindo não apenas os países pobres que lideram o *ranking* mundial das desigualdades, mas espalhando-se aos recantos mais sagrados do capitalismo mundial, sob formas particulares e distintas segundo as características nacionais” (Iamamoto, 2001, p.21, grifo da autora).

¹⁶ Fonte: <https://paisemapuros.com.br/7-publicidades-infantis-de-antigamente-que-nao-teriam-espaco-hoje-em-dia/>

¹⁷ Algumas campanhas publicitárias e medidas judiciais que visavam combater essa dinâmica exploradora podem ser consultadas no site do Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR), seguindo as abas “decisões” e “casos”.



atual necessidade de implementação de regulação de redes sociais — autoridades internacionais de saúde têm apontado como caminho, semelhante ao realizado com a indústria do cigarro, inclusão de advertências aos usuários de redes sociais sobre os riscos de sua utilização¹⁸.

Além de patrocinar eventos esportivos (Fórmula 1) e culturais (Hollywood Rock) com grande apelo entre a juventude, outra estratégia da propaganda de cigarros foi a inserção de elementos lúdicos em suas campanhas. O caso mais conhecido é da marca de cigarros Camel, que após propagandas usando a imagem de profissionais de saúde recomendando o consumo de seus produtos¹⁹, criaram peças publicitárias em que retratavam o camelo (símbolo da marca) de maneira atrativa ao público mais jovens.

Essa cooptação bárbara de crianças e adolescentes pelo consumo de produtos nocivos a sua saúde (como o cigarro) tem outro emblemático exemplo na comercialização de cigarros de chocolate pelas marcas Pan e Garoto²⁰.

Figura 6: o uso da ludicidade na captura do imaginário infantojuvenil 2



Fonte: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/01/30/voce-foi-rico-com-a-moedinha-os-doces-celebres-da-pan-que-vai-a-leilao.htm>

Por mais que esses circuitos de exploração mercadológica tenham sido regulados e fiscalizados em rádio, televisão, revistas, entre outros, as redes sociais estabelecem novas vias de exposição a conteúdos que, como o cigarro, expõem

¹⁸ Fonte: <https://www.publico.pt/2024/06/17/impar/noticia/redes-sociais-alertas-perigo-adolescentes-cirurgiaogeral-eua-2094272>

¹⁹ Fonte: https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/cigarros-camel-medicos-recomendam-1944.html#google_vignette

²⁰ Lançados em 1941, os cigarinhos de chocolate ao leite foram um sucesso. Na época, o hábito de fumar era considerado "chique" pela sociedade. Portanto, a ideia era que o cigarinho de chocolate simulasse a forma de consumir o tabaco.

A embalagem era feita no formato de um maço de cigarro. Em 1959, ganhou os rostos de dois meninos: um negro e um branco, que seguravam o chocolate como se estivessem fumando.

Na década de 1990, quando o Ministério da Saúde começou a combater o tabagismo, a Pan mudou o nome do produto para rolinhos de chocolate.” Fonte:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/01/30/voce-foi-rico-com-a-moedinha-os-doces-celebres-da-pan-que-vai-a-leilao.htm>



crianças e adolescentes a comportamentos prejudiciais — basta pensarmos como as plataformas de apostas têm espaço nos meios de comunicação, em especial impulsionadas por influenciadores digitais com milhões de seguidores²¹.

As mediações entre o segmento da propaganda, a fim de evidenciar processos de captura infantojuvenil pela dinâmica predatória do consumo e avanços tecnológicos, bem como paralelos com a indústria dos cigarros, evidenciam aspectos importantes na análise do negócio das redes sociais e suas implicações para a população. Isso porque, além do principal aspecto investigado nesta pesquisa — a captura do tempo livre pelas mídias sociais e sua conversão em importantes indicadores algorítmicos que repercutem economicamente para as *big techs* — o tempo de exposição nessas plataformas é explorado na propagação de hábitos de consumo prejudiciais à saúde, uma expressão da questão social determinada pelas particularidades impostas pelas transformações tecnológicas.

Essa instituição de uma sociabilidade capitalista ampliada em sua capacidade exploradora no atravessamento pela sensibilidade consumidora (Netto, 2013) será importante para novas formas de captura operadas pela esteirificação algorítmica do cotidiano, presente nas redes sociais. Lógica que compromete o desenvolvimento infantojuvenil, em função de um desenvolvimento voltado para o mercado e suas esteiras. Se, anteriormente, tínhamos uma esteirificação da sociabilidade acelerada por uma produção taylorista/fordista (retratada por Tempos Modernos), no que se propõe como “esteiras algorítmicas” expressa-se uma sociabilidade acelerada por um ritmo frenético de consumo.

A captura contemporânea das esteiras algorítmicas e suas repercussões

Organizações como Criança e Consumo²², Instituto Alana²³ e Portal Lunetas²⁴ têm denunciado práticas predatórias de publicidade, especialmente na esfera das

²¹ Em junho de 2024, o programa Criança e Consumo (<https://criancaeconsumo.org.br/quem-somos/o-programa-crianca-e-consumo/>) denunciou a dona das redes sociais Instagram e Facebook (Meta) ao Ministério Público do Estado de São Paulo e ao Ministério da Justiça e Segurança Pública por permitir que influenciadores mirins promovessem sites de apostas para crianças e adolescentes. Os aplicativos de apostas usam cores e personagens de forte apelo infantojuvenil, evidenciando o emprego de estratégias demonstradas ao longo desta seção do estudo.

²² <https://criancaeconsumo.org.br/>

²³ <https://alana.org.br/>

²⁴ <https://lunetas.com.br/>



mídias sociais. Essa aceleração das esteiras algorítmicas, associada às práticas nocivas de consumo, instituem determinações sociais com implicações estético-político-econômicas impulsionadas pelo negócio das redes sociais sobre infâncias e juventudes.

Em Tempos Modernos, quando o personagem principal atrapalha a eficiência das esteiras, acaba preso ou internado em uma instituição médica, sob diagnóstico de “problema nervoso”. Em semelhante direção, onde o discurso medicalizante surge para (re)capturar os corpos que se contrapõem a rítmica acelerada de produtividade, na contemporaneidade uma sistemática patologização e medicalização da vida cotidiana (Whitaker, 2017) apresenta-se, explicitando estratégias de dominação dos corpos que denunciam em si à esteirificação capitalista²⁵

Assim, o esvaziamento estético-político-econômico da determinação social do processo saúde-doença torna-se uma estratégia de (re)captura da população em sofrimento, individualizando e medicalizando somente a aparência do real, sem indicar as mediações que revelam a etiologia capitalista desses diagnósticos (Whitaker, 2017).

O rebatimento na população infantojuvenil, do sofrimento decorrente da esteirificação da vida — denunciada pelas esteiras de Tempos Modernos e associadas as esteiras algorítmicas (Bueno, 2022) — são apreensíveis pelos níveis da patologização e medicalização de infâncias e adolescências (Sanches; Amarantes, 2014). Os comportamentos tidos como indesejáveis ganham nomenclaturas diagnósticas — o egoísmo vira narcisismo, a inquietação vira TDAH e outros sofrimentos estreitamente mediados pela exposição às telas passam a ser tratados

²⁵ “A lógica manicomial e o cercamento de corpos, como estratégias de desumanização e expropriação, continuam presentes nas práticas patologizantes e medicalizadoras da vida (Whitaker, 2017). Algo que tem sido, no neoliberalismo, habilmente manejado pelo complexo industrial farmacêutico e reforçado pelo desinteresse ideológico pelas determinantes sociais do sofrimento humano. Eixos que podem ofertar um panorama histórico e sistêmico da permanência e do agravamento da questão do cercamento de corpos a partir de práticas manicomiais de patologização e medicalização da vida: 1) O número crescente de diagnóstico psiquiátricos demandando que revisitemos os saberes, bem como posições ético-políticas que sustentam essas práticas de patologização e medicalização da vida — a Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta a necessidade de mudança do paradigma biomédico em saúde mental e a adoção de um modelo de Abordagens centradas na pessoa e baseada em direitos. Isso porque, abordagens críticas têm desconstruído cientificamente o argumento do desequilíbrio químico como causa do sofrimento (em muitas vezes ele é o resultado), o que tem produzido uma verdadeira ‘epidemia de drogas psiquiátricas’; 2) Um dos mais importantes movimentos de enfrentamento dos processos de cercamentos manicomiais de corpos e da patologização da vida passa por um compromisso com a memória do extermínio desses corpos, ocorrido em nosso próprio território. Temos como um dos mais monstruosos exemplos o que ficou conhecido como ‘holocausto brasileiro’” (Bueno, 2024).



como problemas restritos a sintomática orgânica (aparência do real). Essas transformações societárias operadas pelo neoliberalismo possibilitam a exploração do tempo livre de crianças e adolescentes de maneira cada vez mais precoce pelo negócio das redes sociais e indústria farmacêutica, configurando-se como mecanismos de esterificação da vida cotidiana pela dinâmica capitalista.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo et al. **Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais** [recurso eletrônico]. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2023.

AGUIAR, Valdilene Santos de; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. A importância histórica e social da infância para a construção do direito à saúde no trabalho. **Saúde E Sociedade**, 26(1), 271–285. 2017 <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017159018>

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

BENINI, Felipe Maatalani; GUIDI, Julia Franco; CAMPAGNOLO, Maria Thereza; CIACCIA, Maria Célia Cunha; CIACCIA, Flavia Renata Dantas Alves Silva.; RULLO, Vera Esteves Vagnozzi. Há relação entre uso do celular com dor cervical e incapacidade nas habilidades das atividades diárias em adultos jovens? **BrJP**. São Paulo, 2022 abr-jun;5(2):100-4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/XkVLSk98jfftKCPxCwpWNNd/?format=pdf&lang=pt> Acesso 31 dez. 2024.

BRASIL, **Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República**. **Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais** [livro eletrônico]. Brasília, SECOM/PR, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/03/governo-lanca-guia-para-uso-saudavel-de-telas-por-criancas-e-adolescentes> > Acesso em 15 de março de 2025.

BUENO, Luciano Domingues. **A alien(ação), o contraste com a cri(ação) autoral e os modos de produção: uma análise de núcleos de significação imagéticos, no filme Tempos modernos**. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió–AL, Brasil, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/12361>

BUENO, Luciano Domingues. Os grandes cercamentos de corpos e seu extermínio: a desumanização como estratégia de controle e expropriação. In: MESQUITA, Andréa Pacheco de; BARRETO, Elvira Simões. (Org.). **Dançando em volta da fogueira: a moderna caça às bruxas e os debates de gênero, raça, classe e sexualidades**. 1ed. Goiânia: Phillos Academy, 2024, v. 1, p. 71-101.



DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pictoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989. Tomo II.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

GOWLAND, Rebecca L.; CAFFELL, Anwen C.; QUADE, Leslie; LEVENE, Alys; MILLARD, André R.; HOLST, Malin. The expendables: Bioarchaeological evidence for pauper apprentices in 19th century England and the health consequences of child labour. **PLoS ONE** 18(5): e0284970. 2023.

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0284970>

HERMIDA, Jorge Fernando. História social da criança proletária: contribuições da obra de Friedrich Engels para a compreensão do tema. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 20, p. e020058, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8660883>

HERMIDA, José Fernando. Criança e infância na obra de Philippe Ariès e nos clássicos da História Social da Classe Operária: em busca das crianças invisíveis – as crianças proletárias. **Polyphonía**, v. 32/2, 2021.

IAMAMOTO, M. V. A questão social no capitalismo. *Revista Temporalis – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social*. Ano 2. Nº 3 (jan/jul.2001). Brasília: **ABEPSS**, Grafile, 2001.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras em imagens de Debret para a Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 171-180, 2021.

<https://doi.org/10.24109/emaberto.v34i110.4702>

MARTINS, Alejandra. Os ossos que revelam a brutalidade do trabalho infantil na Revolução Industrial britânica. **BBC News Mundo** [site]. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72xw90n9lwo> Acesso em 17 jun 2024.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2013.

MAZZEO, Antonio Carlos. O escravismo colonial: modo de produção ou formação social. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 6, n. 12, mar./ago. 1986.

NETTO, José Paulo. Cinco Notas a Propósito da “Questão Social”. *Revista Temporalis – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social*. Ano 2. Nº 3 (jan/jul.2001). Brasília: **ABEPSS**, Grafile, 2001.

NETTO, José Paulo. Uma face contemporânea da barbárie. In: COSTA, Gilmaísa M.; SOUZA, Reivan (org.). **O Social em perspectiva: políticas, trabalho, Serviço Social**. Maceió: Edufal, 2013. Disponível em:



<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/3436/2657>

Acesso 19 dez. 2024.

OPINION BOX/Panorama Mobile Time. **Crianças e adolescentes com smartphones no Brasil** (relatórios). 2018-2024. Disponível em:

<https://www.mobiletime.com.br/> Acesso em 15 jan de 2025.

PINHEIRO, Manuella Aragão; SOUZA, Reivan Marinho de (Org.). **O trabalho na encruzilhada do tempo presente: virtualização, precarização e controle**. Maceió: Edufal, 2023.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; MATHEUS, Jessica; ALVES-SILVA, Wagner; FRID, Marina; PETRA, Priscila; PENALVA, Janaina. Mídias sociais como plataforma de trabalho digital: avaliando os impactos sociais, culturais e políticos da migração do mercado de trabalho para o Instagram. **Digital Economy and Extreme Politics**, n. 1, 2024.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

SANCHES, Valéria Nogueira Leal; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental. **Saúde debate** [Internet]. 2014. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140047>

SHAHAR, David; SAYERS, Marca G.L. Prominent exostosis projecting from the occipital squama more substantial and prevalent in young adult than older age groups. **Sci Rep**. 8, 3354 (2018). <https://doi.org/10.1038/s41598-018-21625-1>

WHITAKER, Robert. **Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

WOLLZ, Larissa Escarce Bento; BAPTISTA, Maísa Rezende Cavalcanti. Consumo e comensalidade na infância a partir dos filmes Criança, a alma do negócio e Muito além do peso. In: FERREIRA, F. R., SIQUEIRA, D. C. O., BLACHA, L. E.; PRADO, S. D., eds. **Comensalidades em narrativa: estudos de mídia e subjetividade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2022, pp. 271-294. <https://doi.org/10.7476/9786556305226.0014>